Proletários de todos os países, uní-vos!

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 100 Setembro de 1975 Ano XI

Disputa e Compromisso entre Camarilhas Militares

O discurso de 1º de agosto de Geisel encerra uma fase de agudas disputas nos altos escalões do Sistema. Temporariamente, os elementos de crise na esfera governamental que se vinham acentuando nestes últimos meses são contornados. O ditador de plantão dá marcha à ré nos propósitos que perseguia, enquanto seus opositores de caserna aceitam certos compromissos. As camarilhas militares firmaram um acordo — o chamado Protocolo dos Generais — estabelecendo as regras do jogo entre elas, tendo como eixo principal a manutenção do regime despótico.

A luta entre os generais acirrou-se particularmente após as eleições de 15 de novembro do ano passado — que resultaram em fragorosa derrota da ditadura — e a repercussão alcançada pelas denúncias das torturas e assassinatos de presos políticos. Entraram em cena acusações mútuas, em reuniões fechadas e até em público, uns atribuindo aos outros as causas dos reveses e desgastes sofridos pela contra-revolução de 1964. Geisel e seus apaniguados repetiam que o caminho trilhado por Médici conduzia a um isolamento sempre maior e que eles queriam, através do engodo distensionista, arrastar setores políticos para ampliar a base do governo e tentar institucionalizar o fascismo. Seus oponentes, entre os quais sobressai Ednardo d'Avila Melo, comandante do II Exército e partidário ostensivo da TFP, incriminavam os atuais governantes de pactuar com a oposição, abrir o flanco e permitir dessa forma manifestações de descontentamento perigosas. Os ânimos exaltaram-se, evoluíram para os ataques pessoais. Distribuíram-se boletins nos quartéis em que Golberi era tachado de desonesto e de arrendado aos trustes norte-americanos, Azeredo da Silveira acoimado de travesti e Rangel Reis chamado de ladrão e corrupto. A pressão dos adversários obrigou Geisel a dispensar provisoriamente, "por motivo de saúde", a eminência parda do governo, o chefe da Casa Civil. Dizia-se a boca pequena que o sucessor de Médici se encontrava na mesma situação de Costa e Silva no fim do seu mandato.

Mas as coisas não atingiram o desfecho truculento de 1969. Durante alguns meses, os generais confabularam, montaram dispositivos golpistas, acionaram instrumentos de ataque e de defesa, recorreram aos "amigos" do exterior. Fizeram-se ameaças de todo tipo, em luta encarniçada, cada lado o mais ferrenho inimigo da democracia e do povo. Afinal, chegaram ao compromisso, formularam o Protocolo dos Generais.

O discurso de Geisel exprime o conteúdo desse documento secreto. O atual ditador se compromete a seguir fielmente a orientação do Sistema — nada de "aberturas", mesmo verbais, nada de "distensões", mesmo ilusórias, nada de alusões ao Estado de Direito, mesmo como perspectiva de institucionalização do fascismo. Nenhuma crítica ao governo anterior. Em primeiro plano, a segurança, isto é, a repressão e bem assim a censura e a aplicação do AI-5. E quanto à oposição consentida, mantê-la com rédeas curtas. Diz-se que outros ítens do Protocolo — que passa a ser a Lei Maior dos generais — referem-se a promoções e indicações para postos de comando no Exército e a normas sobre a futura sucessão em torno da qual, desde já, se movimentam os candidatos de farda. Da outra parte, cessarão os ataques na área militar a Geisel e sua equipe

NA PÁGINA 5 — UM ARTIGO SOBRE A REUNIÃO DOS PARTIDOS REVISIONISTAS REALIZADA EM HAVANA

Continuação da 1a. página

(de arrendados, ladrões e travestis), permitir-se-á a permanência de Golberi, Silveirinha e quejandos nos cargos ministeriais, submetidos, é claro, às injunções do Protocolo. Golberi, que aguardava matreiramente no hospital a solução do seu caso, reassumiu a chefia da Casa Civil.

Chega ao fim, portanto, o período das manobras de pouco alcance de Geisel e de seu principal assessor. Pelo menos, quanto ao futuro imediato. Os que caíram no conto-do-vigário da "distensão" ficaram chocados com o cinismo do "presidente". O homem não vacilou em dizer que nunca tivera (e isto é verdade, justiça se lhe faça) objetivos distensionistas. Segundo ele, suas palavras (enganosas, mas claras) haviam sido distorcidas por políticos "saudosistas de um passado não muito remoto". Eles é que tinham inventado as tais de "aberturas" e coisas semelhantes... "O governo - enfatizou - não abrirá mão dos poderes excepcionais de que dispõe" e não admite pressões, evidentemente de fora dos quartéis. Em suma, disse que a ditadura vai continuar, como antes, como sempre. E para reforçar suas afirmações, mandou que a ARENA refutasse imediata e ameaçadoramente a nota do MDB, em resposta ao seu discurso, proibida até mesmo de ser lida no Senado, Câmara Federal e Assembléias Legislativas, enquanto lançava rumores de mais cassações.

Eis a nova postura dos governantes, resultado do entrevero de bastidores dos fascistas agaloados. Dura na aparência, frágil em sua essência. Ela acentua a contradição entre a esmagadora maioria da nação, que quer liberdade, progresso e a verdadeira independência, e a minoria de militares e reacionários, decididos a manter pela violência um sistema contrário aos interesses nacionais que conduz o Brasil a uma situação catastrófica em todos os sentidos. E serve de lição aos que se deixaram envolver nas tramas palacianas, embalados pela ilusão de que Geisel desejava democratizar o regime. Evidencia-se uma vez mais que as aspirações do povo brasileiro não serão alcançadas através de concessões dos generais, de aceitação de suas exigências, de oposição tímida e adesista como a que realiza a direção do MDB e como resulta da atividade dos revisionistas de Prestes.

Todavia, o acordo entre os militares e o endurecimento do governo não poderão salvar a ditadura. Nem mesmo acabarão com as disputas de caserna. O descontentamento se generaliza e adquire feições sempre mais enérgicas. A mudança de posição de Geisel, que põe termo às suas recentes artimanhas, somente facilitarão uma tomada maior de consciência por parte de extensos setores da população da necessidade imperiosa de se multiplicarem esforços no combate ao regime militar-fascista. Permitirão intensificar mais ainda a unidade das forças democráticas e patrióticas em torno de bandeiras como a convocação de uma assembléia constituinte livremente eleita, a abolição de todos os atos e leis de exceção e a anistia geral, objetivos que demandam, antes e acima de tudo, a derrocada do Sistema.

O despotismo militar vai sendo abalado, seu isolamento aumenta. O que se faz necessário é incrementar a ação firme e conjugada de amplas forças contra o atual estado de coisas, desmascarar sistematicamente a prepotência e o arbítrio dos generais. É preciso soar, cada vez mais forte e em toda a parte, a voz de condenação à ditadura, à sua política entreguista e de esfomeamento das massas, aos seus métodos terroristas de repressão. Impõe-se a luta, de variadas formas, nas fábricas e sindicatos, nas escolas e centros acadêmicos, nas fazendas e vilas, no parlamento, na imprensa, no púlpito, no teatro, nos cárceres, nos quartéis, nas ruas e, em especial, nas selvas do Araguaia e onde for possível em defesa dos direitos e reivindicações do povo e contra o militarismo fascista. Os generais, por mais raivosos que sejam, não conseguirão impedir as ações multifacéticas e amplas do povo. Se se atua deste modo, a sorte do regime estará definitivamente selada.

Tirando conclusões justas do discurso de Geisel, cada cidadão, em qualquer lugar que esteja, tem o dever de empenhar-se na tarefa patriótica de reforçar a oposição à ditadura, de ajudar a desenvolver os protestos em todos os níveis de maneira a transformar o inconformismo crescente num poderoso movimento de rebeldia nacional, único meio de jogar por terra a tirania imperante há mais de onze anos.

Cresce Movimento de Protesto contra Violências da Ditadura

Prossegue a ação repressiva da ditadura contra patriotas e democratas. As prisões se sucedem em vários pontos do país enquanto generais fazem declarações arrogantes e estúpidas. Mas cresce ao mesmo tempo o movimento nacional de protesto contra as violências, as torturas e pela liberdade dos presos políticos. Esse movimento vai alcançando níveis bem mais elevados que os de períodos anteriores.

Nestes últimos meses, cerca de quarenta pessoas, na Bahia, foram arbitrariamente detidas pelo Exército. No Rio de Janeiro, na mesma época, o número de encarcerados ia além dos cinquenta. Em São Paulo, quase uma centena, entre os quais muitos militares. Em Brasília, sessenta. Há presos em outros Estados. Em toda parte, as Forças Armadas e a polícia recorrem aos métodos mais requintados e sádicos para arrancar confissões dos detidos. Um dos presos em Salvador relatou perante o juiz-auditor os maus tratos sofridos: além dos choques elétricos, penduraram-no numa árvore com a ponta dos pés mal atingindo o solo, o que o obrigava a tremendos esforços para suportar o suplício. Outro prisioneiro, no Rio, um economista, ficou cinco dias em estado de coma. Os policiais, que o torturaram, subiam numa mesa e pulavam sobre o seu corpo imobilizado no chão. Quebraram-lhe várias costelas e uma clavícula. Dias depois, a polícia informava cinicamente à imprensa que o preso teria tentado suicidar-se atirando-se sob as rodas de um caminhão. Em São Paulo, repetiram-se as brutalidades, sobretudo contra os militares acusados de atividade subversiva. Diz-se que um deles morreu na prisão.

Simultaneamente com a onda repressiva, oficiais das Forças Armadas desmandam-se em declarações furibundas. O general Potiguara, comandante do IV Exército, babando ódio, afirmou que seus iguais não estariam dispostos a esquecer "os perturbadores da ordem, autênticos criminosos que nada mais desejam do que entravar o processo do nosso (isto é, deles, militares-NR) desenvolvimento". O brigadeiro Oliveira Sampaio, do STM, dizendo que os jovens "hoje, enchem os cárceres", o que é uma verdade, investiu colérico contra os "mais amadurecidos" que seriam responsáveis pela politização da juventude. Estes, assinalou, eram criminosos que deveriam permanecer maior tempo na cadeia. No mesmo dia em que pronunciava tais palavras, o Tribunal que ele preside condenava Marijane Soares a 16 anos de reclusão e Ubirajara Rocha e Silva a 10 anos por suspeita de assalto a um estabelecimento de crédito "para fins subversivos". Nesse processo figurava o jovem Antônio Barros Cavalcante, assassinado barbaramente durante os interrogatórios. Por sua vez, o major Válter Ribeiro, presidente do inquérito policial-miliar da Bahia, apoiando os espancadores e justificando a prática da tortura em presos sob sua responsabilidade, declarava que "isto é próprio de todas as polícias do mundo".

Essa linguagem desabrida e provocadora ajuda, porém, a identificar quem são realmente os criminosos - a horda de bandidos fardados que governa arbitrariamente o país. Cada vez mais isolada e odiada, essa gente apela para novas violências pensando, assim, sustentar, por muito tempo ainda, o sistema retrógrado que oprime, vende e esfomeia a nação. Mas o povo brasileiro intensifica seu combate ao abominável regime fascista. Não se amedronta ante as ameaças nem com a bestialidade policial. Compreende que a luta é o único caminho para pôr fim ao banditismo governamental e conquistar seus legítimos direitos.

Quanto mais os generais recorrem à repressão maior é a resistência popular aos seus desmandos. As prisões na Bahia deram motivo a amplas manifestações de protesto, alcançaram enorme repercussão política. Representantes de mais de trinta entidades sociais publicaram uma "Carta Aberta", também subscrita por personalidades, jornalistas e intelectuais de renome no Estado, de solidariedade aos presos. Nessa Carta afirma-se que "as prisões processaram-se de maneira arbitrária", denuncia-se que "as pessoas presas, depois de encapuçadas, foram levadas para local desconhecido" e que "crianças, filhos de alguns dos casais presos, foram levadas também para local ignorado". "Entendemos - diz a Carta - que tais fatos constituem flagrante desrespeito

Continuação da página 3

aos direitos e liberdades fundamentais do homem, que, de resto, vêm sendo continuamente violentados através de restrições a toda manifestação de caráter democrático levantada por qualquer setor da sociedade brasileira". E exige-se "a preservação da integridade física e psicológica das pessoas presas e sua imediata libertação". Além desse documento, que obteve aprovação geral, várias organizações de profissionais liberais e de estudantes, juntamente com a Igreja, tomaram a iniciativa de impetrar coletivamente um habeas-corpus em favor das vítimas da reação que se transformou num vasto movimento popular pela liberdade e contra os métodos terroristas da ditadura. Também no Simpósio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, realizado em Belo Horizonte, com a presença de centenas de cientistas, foi discutida e aprovada uma moção exigindo a libertação de um professor e de estudantes de Física encarcerados em Salvador. O Simpósio havia recebido um memorial nesse sentido, assinado por quarenta docentes universitários da Bahia. Estas vigorosas ações de amplas forças sociais e políticas obrigaram a VI Região Militar a declarar onde se encontravam os perseguidos e a libertar alguns deles.

Em documento entregue ao Ministério da Justiça, a Ordem dos Advogados do Brasil fez extenso relato das prisões ilegais de advogados em São Paulo, Brasília, Bahia e Rio Grande do Sul. O Conselho Federal da OAB tomou a decisão de pedir providências ao governo "contra prisões irregularmente praticadas e solicitar medidas não apenas em defesa dos advogados, mas também de qualquer cidadão que estiver já sofrendo prisão sem observância das normas formais".

Ganhando vulto em todo o país e expressando os sentimentos da grande maioria da nação, o Movimento Feminino pela Anistia entregou ao governo um manifesto contendo milhares de assinaturas reclamando "anistia ampla e geral a todos os atingidos pelos atos de exceção". Apesar das constantes ameaças, esse Movimento, que conta com o apoio do cardeal de São Paulo, vai-se estendendo e organizando, mobilizando numerosos setores da opinião pública para conseguir seus objetivos. No dia 7 de setembro, d. Evaristo Arns, em nome dos católicos de São Paulo, pediu anistia para todos os que lutam em posições diversas, amando, no entanto, a mesma Pátria.

Lutando contra a repressão, os presos políticos desmascaram na Justiça Militar a farsa do julgamento a que são submetidos e condenam a política entreguista e antipopular da ditadura. Recentemente, o jovem Rogério Lustosa, dirigindo-se à Auditoria da 10a. Circunscrição Judiciária Militar do Ceará, na qual responde a um processo forjado pela Polícia Federal, refutou as acusações que lhe são imputadas atacando o regime atual. Disse ele: "A acusação de violação da segurança nacional aos patriotas e democratas que se colocam ao lado do nosso povo, contra o imperialismo, contra a opressão e a exploração, pela independência, progresso e liberdade, é inteiramente falsa. A questão essencial da segurança nacional é a segurança do povo brasileiro e nunca a segurança do capital imperialista norte-americano e de seus aliados internos". E aduziu: "Se as classes dominantes usam a violência das armas para manter o seu domínio de traição à pátria, estão cortando o caminho da solução pacífica dos problemas do povo e estão forçando a solução pelo caminho das armas. A violência dos opressores sempre encontra resposta na violência revolucionária dos oprimidos. Os marxistas-leninistas defendem todas as formas de luta do nosso povo, pela independência, progresso e liberdade, sejam as greves operárias, as manifestações populares e a luta armada, como já vem ocorrendo há mais de 2 anos, desde o início de 1972, com o movimento dos heróicos guerrilheiros do Araguaia, no sul do Pará". Definindo sua posição ideológica, afirmou: "Sou comunista, estou ao lado do povo brasileiro em todas as circunstâncias. Sou pela independência e pela soberania nacional de nossa pátria. Sou contra a dominação e a exploração imperialista e contra o entreguismo das classes dominantes. Sou pela liberdade, contra a ditadura militar fascista, contra o atraso e o obscurantismo, pelo desenvolvimento autônomo da indústria e da economia nacional, pela reforma agrária e pelo progresso social. Defendo que os oprimidos têm o direito de lutar por um governo que represente verdadeiramente os interesses populares".

Desta forma, o povo vai reagindo às investidas da reação, denunciando-lhe os crimes infames, batendo-se pela liberdade, pela união de amplas forças capazes de derrotar as maquinações de seus inimigos e conquistar um novo regime, efetivamente democrático e progressista.

A Conjura de Havana

Estiveram reunidos em Havana, em junho próximo passado, os figurões do revisionismo latino-americano, que ainda abusam do título de marxistas-leninistas. Representavam, ao todo, vinte e quatro organizações. Naturalmente voltaram a reprimir suas vaidades feridas e os ressentimentos que os dominavam desde 1959, quando triunfou a revolução em Cuba. Fidel Castro, o anfitrião, ao tempo em que fazia gala de revolucionarismo, não perdia vaza para tachar seus atuais parceiros de oportunistas, mercadores de votos, especuladores da revolução, agentes da burguesia e demais qualificativos apropriados. Em contrapartida, os Prestes, os Arnedo Alvarez, os Corvalan mimoseavam o governante cubano com epítetos tais como aventureiro, revolucionário pequeno-burguês, revisionista de "esquerda" e outros. Que razões, porém, teriam levado os representantes desses agrupamentos a sentar-se à mesma mesa com a finalidade de apregoar uma orientação comum? A isso foram obrigados pelo império das circunstâncias, por necessidades prementes. A sutil e asquerosa garra da camarilha revisionista da União Soviética - maior interessada na reunião - os arrastou. Como bem reza o ditado: Deus os fez, o Diabo os juntou.

Evidentemente, todos julgaram azado o momento para exibir vitalidade política, alardear vantagens, aparentar unidade, combinar novas tretas e lançar apelos capazes de enganar os incautos. Os dirigentes de Moscou, manobrando por trás das cortinas, tinham em vista intensificar sua campanha em favor da chamada distensão internacional, impulsionar os derradeiros acertos para reintroduzir Cuba no redil pan-americano e, assim, coonestar o "novo diálogo" promovido pelos governantes de Washington, facilitar a penetração do social-imperialismo soviético na América Latina. Por seu lado, Fidel Castro considerava oportuno dar novas provas de sua total abjuração dos ideais revolucionários, demonstrar sua disposição de satisfazer o jogo soviético e cooperar com o velho lobo imperialista ianque, em troca de dólares. Os demais participantes precisavam acima de tudo de alento, de apoio, visto encontrarem-se demasiadamente desmoralizados em consequência das contundentes derrotas que têm sofrido.

Do conluio saiu uma longa Declaração, em que os revisionistas fixam os objetivos e a tática através dos quais pensam refazer-se de seus constantes desastres políticos, ajustar-se às últimas diretivas da camarilha soviética e torpedear o crescente movimento revolucionário antiimperialista e democrático dos povos da América Latina. Nela, tratam de misturar idéias justas condensadas pelo pensamento e pelas heróicas lutas dos marxistas-leninistas com teses falsas, oportunistas, do arsenal ideológico do velho e do novo revisionismo. Utilizando as antigas e consagradas bandeiras do movimento antiimperialista, procuram impingir suas concepções reformistas, o caminho pacífico, a tática conciliadora e divisionista que têm conduzido o referido movimento a duros reveses e a enormes dificuldades. A Declaração, embora exorte todas as forças que se opõem ao imperialismo norte-americano, "principal inimigo comum", a se unirem para a "conquista da segunda independência do Continente", insiste nas vias legais, no "aproveitamento de todas as formas de lutas democráticas contra o imperialismo". Quer dizer, quando as forças da reação interna e dos monopólios ianques, em cada um de nossos países, vêm empregando a repressão terrorista, fascista, para conter o avanço das ações populares, e mesmo qualquer manifestação democrática, essa atitude caracteriza cabalmente os revisionistas como incorrigíveis renegados da revolução. No entanto, por sentirem a perda de toda audiência séria, empenham-se em tergiversar e prometem "lutas audaciosas caso os reacionários apliquem a violência contra o povo" como se estes já não o estivessem fazendo. Além disto, temerosos de apoiar abertamente as ditaduras e tendo dificuldades para tornar aceitável sua panacéia legalista, andam a cata de governos nacionalistas onde não existem, apegam-se a setores ditos democráticos que estariam realizando oposição ao imperialismo e, pressurosos, afirmam: "O nacionalismo pode ser transformado em posição antiimperialista e revolucionária, na medida em que as forças populares entrem decididamente na batalha e se acentuem as contradições entre os governos nacionalistas e o imperialismo". Essa fórmula aparentemente original vem sendo posta em prática desde que o revisionismo contemporâneo dividiu o movimento comunista internacional e se lançou à ofensiva para salvar o capitalismo. No Brasil, conhecemo-la de sobra. E a vida demonstrou, sobretudo no período de João Goulart, que para trans-

formar essa possibilidade em realidade não basta que as forças populares entrem decididamente na batalha. Faz-se mister também e principalmente que tenham posição independente, linha revolucionária e assumam de fato a direção da batalha, porque os tais governos nacionalistas da burguesia tendem rapidamente para a capitulação. Ora, nem posição independente, nem linha revolucionária, nem capacidade de dirigir de modo conseqüente a luta possuem os partidos revisionistas. Assim, a indicação é mistificadora.

A Declaração esforça-se por exaltar o exemplo da União Soviética e o papel "internacionalista" do partido de Brezhnev. Ressalta que a revolução cubana "é um fato social irreversível" - esta última expressão está muito ao gosto dos revisionistas, atualmente - e acusa sem pudor o Partido Comunista da China de "estar de namoro com o imperialismo norte-americano". Com estas tramóias, os participantes do encontro de Havana atestam mais uma vez que são instrumentos da burguesia nacional conciliadora latino-americana e do social-imperialismo soviético. Numa época de avanço das forças revolucionárias em todo o mundo e quando magníficos exemplos como os dos povos da Indochina estão bem vivos, os partidos revisionistas da América Latina procedem de forma descabelada e infame. Por seu ódio aos marxistas-leninistas e seu medo à revolução, opõem-se de diferentes maneiras às lutas independentes das massas populares e preconizam a distensão internacional made in URSS, as reformas, a colaboração entre opressores e oprimidos. Asseveram que a União Soviética é uma nação socialista e antiimperialista, quando de há muito ficou claro que a pátria de Lênin e Stálin se converteu, sob a batuta da nova burguesia burocrática, chefiada pelo bando de Kruschov e Brezhnev, numa superpotência imperialista agressiva, tão ávida de expansão quanto sua rival norte-americana. Desmandam-se em insultos e intensificam seus ataques à China Popular e ao Partido de Mao Tsetung porque os camaradas chineses os têm desmascarado e lutam contra os planos hegemônicos das duas superpotências, pondo sempre em relevo o perigo que o social-imperialismo soviético representa para os povos.

Estamos certos de que as forças populares e antiimperialistas latino-americanas destroçarão as novas tramas dos revisionistas soviéticos e de seus acólitos em nossos países. No que nos toca, podemos afirmar que as artimanhas de Prestes e seus sequazes não nos encontrarão desprevenidos. Sua trajetória e suas atividades são bem conhecidas. Desde que traíram o tradicional partido revolucionário da classe operária, o Partido Comunista do Brasil e criaram o chamado Partidão, para servir à burguesia nacional-reformista, eles condenaram-se a ficar falando sozinhos. Antes do golpe de 1964, viviam eufóricos. Acalentavam o sonho de que o Estado e as Forças Armadas se democratizavam, de que sucessivos governos nacionalistas acabariam por levar o Brasil à completa independência. Prometiam esmagar a reação caso levantasse a cabeça. Entretanto, assim que esta golpeou, foram os primeiros a capitular vergonhosamente, sem luta. Nos anos de vigência da ditadura, embora enfraquecidos, os revisionistas dirigidos por Prestes, longe de se emendarem, persistiram na cantilena de que o Exército tem formação democrática e possui alas liberais. Com esta linha, prestaram-se aos mais torpes manejos dos generais reacionários e fascistas. A última manobra de que participaram, empreendida pela dupla Geisel-Golberi para adaptar e institucionalizar o desgastado regime militar, custou-lhes caro. Viram-se praticamente dizimados pela repressão que os fez de bode expiatório das disputas entre camarilhas de caserna.

Não são menores as dificuldades dos revisionistas nos demais países latino-americanos para passar de contrabando sua política reformista. Os do Chile, após terem alimentado, juntamente com seus amos soviéticos, ilusões sobre a possibilidade de o povo chileno marchar para o socialismo com o apoio das Forças Armadas da reação, tiveram um resultado desastroso. Há precisamente dois anos que, no país irmão, o governo de Salvador Allende foi derrubado e instaurada uma ditadura militar terrorista como jamais se vira em terras sul-americanas. Mas será ingenuidade esperar que os revisionistas venham a fazer qualquer autocrítica dessas posições e a adotar uma linha revolucionária para enfrentar o bando de Pinochet. Outro tanto deve ser dito em relação ao partido revisionista do Uruguai, dirigido por Arismendi. Esse partido fez tudo que pôde para sabotar a resistência dos trabalhadores e do povo ao golpe desferido por Bordaberry e pelos militares pró-ianques. Nas mesmas condições e com igual orientação trabalham os agrupamentos revisionistas da Argentina, Peru, Equador, Colômbia e de outros países do Hemisfério. Todos visam a corromper o movimento popular e a impedir as ações independentes e revolucionárias da classe operária e das massas, em troca de conseguir migalhas dos exploradores e opressores. Devido a esta política,

estão destinados a cair em crescente descrédito e a fracassar inevitavelmente. Contudo, os marxistas-leninistas não lhes devem dar tréguas.

Mais vergonhosa, no entanto, é a atitude de Fidel Castro. Agora sua capitulação aparece de corpo inteiro, cedendo à pressão do imperialismo ianque e do social-imperialismo soviético. Finalmente, colocou-se como a prima-dona do revisionismo contemporâneo na América Latina. Ainda blasona que a revolução cubana "é irreversível" — triste consolo para quem prometia criar em breve muitos Vietnãs e se apresentava com desmedidas pretensões de teórico e marxista. Na verdade, a revolução em Cuba desde algum tempo está em franca regressão e as conquistas de seu valente povo podem ser totalmente liquidadas se não reagir devidamente. As posições proletárias do dirigente cubano, suas convicções marxistas-leninistas, jamais foram firmes. Tão rapidamente como as abraçou, renegou-as. Mandou às urtigas os últimos escrúpulos que o prendiam aos compromissos da juventude e ao sangue de Guevara e de tantos outros; entrou de cheio na barganha com os monopolistas norte-americanos.

Como está longe o Fidel Castro patrono da Declaração de 1975, do Fidel Castro da II Declaração de Havana, de 1962! Neste magnífico chamamento revolucionário aos povos da América Latina para a luta unida contra o imperialismo ianque e a reação, ele condenava justamente como "incorreta, a vã e acomodatícia ilusão" de que por "meios legais" fosse possível arrancar o Poder que os monopólios e oligarquias "defendem a ferro e fogo, com a força de suas polícias e de seus exércitos".

Com o tempo, entretanto, ao invés de ter envelhecido, as teses revolucionárias ganharam mais vigor e atualidade. Nas condições históricas de hoje, em nenhum país do Continente a estratégia revolucionária, que visa a substituir o velho Poder das classes dominantes, associadas ao imperialismo, por um novo Poder popular revolucionário, será alcançada pelo caminho pacífico, pela adaptação do regime de dependência ou pelas reformas. As contradições políticas internas e externas atingiram tal grau de aguçamento, as distorções econômicas e sociais chegaram a tal extremo, que os paliativos só levam a agravar os sacrifícios, os padecimentos e os males do organismo social. Fomentar, nesta hora, a idéa da distensão ou de que sob a égide das duas superpotências e com pressões de massas as forças populares possam obter pacificamente suas reivindicações mais sentidas e o Poder é, além de uma falsidade, um crime.

Os marxistas-leninistas jamais separam seus objetivos da concepção e do método principal de luta a seguir, isto é, do caminho revolucionário. Os povos latino-americanos terão de recorrer à violência revolucionária como uma necessidade, como inevitável resposta à política repressiva, sangrenta, do imperialismo, das forças reacionárias internas e de seus principais instrumentos, as Forças Armadas. Na época em que vivemos, não existe outra forma de enfrentar a violência contra-revolucionária senão recorrendo à luta armada, à guerra popular.

Tomando em consideração as últimas experiências da América Latina, impõe-se a elaboração de uma tática flexível mas revolucionária, baseada numa estratégia orientada para a revolução. As forças populares e antiimperialistas precisam formar uma frente única que abarque todas as classes e camadas sociais interessadas na luta emancipadora e democrática, com programa claro, que incorpore as vastas massas a essa luta e, sobretudo, saiba forjar uma sólida aliança operário-camponesa. Condição indispensável ao êxito dessa frente é a direção do proletariado, guiado pelo seu partido revolucionário, marxista-leninista. A direção do proletariado é a garantia para que o movimento antiimperialista e democrático conquiste a independência nacional, realize a reforma agrária e outras transformações democráticas e para que se assegure a passagem ao socialismo.

Todas essas tarefas, toda essa grandiosa perspectiva, colocam para as forças populares do Continente, em particular para os partidos marxistas-leninistas, a necessidade de combater com intransigência os revisionistas e demais elementos oportunistas no movimento operário e democrático. É de suma importância que a classe operária e os povos latino-americanos distingam nitidamente as diferenças que antepõem os marxistas-leninistas aos revisionistas, os revolucionários aos reformistas. E compreendam que o apoio decidido às nossas lutas jamais virá da superpotência soviética, interessada em dominar a América Latina e todo o mundo, mas sim dos verdadeiros países socialistas, como a China e a Albânia, do movimento revolucionário proletário e

CONTINUA NA PAGINA 8

Tarefa Primordial

O movimento de apoio e solidariedade à resistência armada do sul do Pará, apesar da monstruosa repressão da ditadura, continua se desenvolvendo. Toma as mais diferentes formas, desde a denúncia das violências cometidas pelo Exército na região e a mobilização da opinião pública em favor dos guerrilheiros até a ajuda direta aos que empunham armas em defesa da liberdade e dos direitos do povo.

Uma importante iniciativa nesse terreno foi a que tiveram patriotas e democratas do antigo Estado da Guanabara. Editaram um jornal, clandestino, que denominaram O ARAGUAIA, órgão dos Comitês de Apoio à Luta dos Camponeses do Sul do Pará. Graficamente bem apresentado, com excelentes matérias informativas sobre a zona conturbada, o jornal já alcançou quase uma dezena de números, com tiragem apreciável. Sua edição de março-abril, deste ano, é dedicada ao 3º aniversário da resistência armada. No editorial, a redação congratula-se com os valentes lutadores e augura-lhes maiores êxitos. "No transcurso desta data memorável recebam, denodados combatentes, nossas fraternais e entusiásticas saudações". E prossegue: "A luta sustentada com tanta bravura pelas Forças Guerrilheiras do Araguaia e pelos habitantes da região, cumpre um papel de elevada significação para os destinos do Brasil. (....) Introduziu nas páginas da nossa História a mais bela e consequente rebelião popular ao odiado regime dos generais. (...) Representa o início de uma dura e prolongada jornada, que atravessará o país de norte a sul, integrando o interior e as cidades, numa só frente, numa só marcha gloriosa de milhões e milhões de brasileiros". O editorial assinala que os Comitês Guanabarinos não pouparão esforços "para levar a todas as forças patrióticas e democráticas a chama da resistência armada e o exemplo da magnífica trajetória das Forças Guerrilheiras do Araguaia". Manifesta "seu profundo sentimento de ativa solidariedade e justo apoio" aos resistentes da selva. Além de informações sobre a guerrilha, O ARAGUAIA publica notícias das lutas camponesas no país, do movimento operário e do movimento estudantil. Denuncia com vigor a entrega das riquezas nacionais aos trustes e monopólios estrangeiros. Conclama os patriotas à união contra a ditadura militar.

Em outros Estados, surgem também manifestações de apoio e solidariedade. Os estudantes procuram divulgar, com habilidade e vigilância, os feitos heróicos dos guerrilheiros, propagando o seu exemplo e o caminho que trilham. Entre artistas e intelectuais, à medida que tomam conhecimento da gloriosa resistência, cresce a tendência de buscar meios e forma para expressar em suas criações o denodo daqueles que sustentam, na selva amazônica, a bandeira da liberdade e da justiça social. Enfrentando dura perseguição policial, os camponeses em vários pontos do país transmitem, uns aos outros, a experiência frutuosa dos lavradores e moradores do sul do Pará que indica como se deve lutar contra os grileiros, os latifundiários desalmados, a polícia e todos os que tripudiam sobre a grande massa de trabalhadores do campo.

Igualmente nos cárceres, onde se encontram centenas de patriotas e revolucionários, a luta do Araguaia repercute intensamente. Representantes de diversas correntes unem-se no apoio e na solidariedade a essa luta. Em um dos presídios, teve lugar vibrante comemoração do 3º ani-

Continua na página 9

A CONJURA DE HAVANA (Continuação da página 7)

dos povos que se batem efetivamente por sua emancipação nacional e social.

Desfraldemos bem alto a combativa e invencível bandeira do marxismo-leninismo contra o revisionismo contemporâneo ! Derrotemos os desígnios contra-revolucionários da última conjura de Havana !

Continuação da página 8

versário da resistência armada. Os presos políticos editaram também um folheto, com expressivas ilustrações, historiando os acontecimentos e chamando à solidariedade. O folheto termina assim: "As Forças Guerrilheiras do Araguaia e a União pela Liberdade e pelos Direitos do Povo são partes integrantes da Frente Única, sua expressão mais elevada atualmente. Sua sobrevivência e fortalecimento representam um passo importante no sentido de uma ampla união de forças capaz de pôr fim à ditadura. Dão grande contribuição no esforço de desmascaramento da demagogia do governo Geisel e são um chamamento e um estímulo à unidade e à luta. O êxito da luta armada no interior depende, em grande parte, do apoio e da solidariedade dos grandes centros. Os lutadores do campo enfrentam todo tipo de dificuldades e passam por grandes sacrifícios. Apoiá-los sem reserva e por todos os meios e divulgar a sua luta por toda parte são deveres dos verdadeiros democratas, patriotas e revolucionários. Vivam as Forças Guerrilheiras do Araguaia ! Viva a Luta Armada ! Viva a Revolução ! "

A solidariedade efetiva, concreta, variada, ampla e combativa aos resistentes do Araguaia é uma tarefa de primordial importância. Faz parte da grande luta do povo brasileiro pela liberdade e a emancipação nacional, contra o regime tirânico dos generais fascista e vende-pátria.

"É possível fazer a guerra popular e, através de um esforço tenaz e de duros sacrifícios, obter a vitória. O governo dos generais está cada vez mais isolado. Sua política traidora agravou ao extremo todos os problemas sociais, econômicos e políticos. Abriu as portas do país à voraz penetração dos imperialistas numa escala a que nenhum governo antes se atrevera. Entregou grande parte das riquezas da Amazônia aos trustes estrangeiros, pondo em risco a própria integridade territorial do Brasil. Intensificou a exploração dos trabalhadores das cidades e do campo, tornou insuportável a carestia de vida. Fêz cair sobre a nação a noite negra do fascismo, da completa falta de liberdade, da perseguição em massa e das torturas de presos políticos. Espalhou a insegurança, a fome e o desespero em milhões de lares brasileiros.

"Esta política não pode deixar de provocar a revolta dos patriotas e democratas, de vastos setores da população, revolta momentaneamente contida pela brutalidade da polícia e das Forças Armadas, mas pronta a explodir em violentos choques com a ditadura. O país atravessa uma situação em que a chama revolucionária acesa em algum lugar pode se estender, em maior ou menor tempo, a todos os rincões do país."

(Do Documento CINQUENTA ANOS DE LUTA, do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil)

ABAIXO A DITADURA !

- POR UMA ASSEMBLÉIA CONSTITUINTE LIVREMENTE ELEITA !
- PELA ABOLIÇÃO DE TODOS OS ATOS E LEIS DE EXCEÇÃO !
- PELA ANISTIA GERAL !